

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

COMPORTAMENTOS DE CYBERBULLYING NA  
ADOLESCÊNCIA: FREQUÊNCIA, CARACTERIZAÇÃO E  
SUA RELAÇÃO COM A COMPARAÇÃO SOCIAL

FILIPA ANDREIA MEDEIROS FERNANDES

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Ramo de Psicoterapias e Psicologia Clínica

Coimbra, 2013



Comportamentos de *Cyberbullying* na adolescência:  
frequência, caracterização e sua relação com a comparação social

FILIPA ANDREIA MEDEIROS FERNANDES

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia  
Clínica, Ramo Psicoterapias e Psicologia Clínica.  
Orientadora: Professora Doutora Marina Cunha

Coimbra, Novembro de 2013

## **Agradecimentos**

*À minha orientadora, Prof. Doutora Marina Cunha, pela forma como me orientou, pelo entusiasmo e motivação. É de igual modo, importante referir, ainda, a disponibilidade sempre manifestada, apesar do seu horário demasiado preenchido, o seu apoio e confiança.*

*Ao Agrupamento de Escolas de Ansião, nomeadamente à Escola Básica e Secundária Dr. Pascoal José de Mello pela disponibilidade e apoio para a elaboração deste trabalho.*

*À minha amiga Joana pela total disponibilidade que sempre demonstrou, pelo incentivo e apoio, obrigada pela tua amizade.*

*A toda a família pelo apoio incondicional, acreditando sempre no meu esforço e empenho.*

*Em especial, à minha mãe e à minha avó pela paciência e dedicação com que me apoiaram nos momentos mais difíceis de exaustão. Ao meu irmão, pela motivação, afeto, carinho, compreensão, que sempre demonstrou.*

*Ao Emanuel, pela paciência e impaciência, companheiro dos bons e menos bons momentos. Pela minha frequente presença ausente, pela tolerância e carinho.*

## **Resumo**

**Objetivos.** O presente trabalho tem como objetivo central apresentar uma prevalência de comportamentos de *cyberbullying* na adolescência (na perspectiva de vítima e na perspectiva de agressor), evidenciando a natureza desses comportamentos e a possível influência do género. Paralelamente analisa a sobreposição destes comportamentos, através da distinção das categorias só vítimas, só agressores e vítimas e agressores. Procura também explorar a relação entre os comportamentos de *cyberbullying* e o *ranking* social avaliado através da comparação com os pares.

**Método.** Foi utilizada uma amostra de 450 adolescentes (220 rapazes e 230 raparigas) com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos ( $M = 14,38$ ;  $DP = 1,75$ ) a frequentar o ensino básico e secundário ( $M = 8,87$ ;  $DP = 1,61$ ) em escolas públicas. Para avaliação dos comportamentos de *cyberbullying* foram utilizadas as versões portuguesas do *Cyberbullying Questionnaire* (CBQ; Calvete, Orue, Estévez, Villardón, & Padilla, 2009) e do *Cuestionario de Cyberbullying-Victimización* (CBQ-V; Estévez, Villardón, Calvete, Padilla, & Orue, 2010). A versão portuguesa Adolescent Social Comparison Scale – Revised (ASCS-R; Irons & Gilbert., 2005) permitiu avaliar a comparação social com os pares.

**Resultados.** Os dados evidenciaram uma prevalência de 17% no caso de comportamentos de *cyberbullying* por agressão, sendo o comportamento mais frequente o de manter lutas e discussões *online*, usando insultos, mediante mensagens eletrónicas (18%). Os rapazes apresentam valores significativamente mais elevados de comportamentos agressivos por *cyberbullying* que as raparigas. No que toca aos comportamentos de vitimização por *cyberbullying*, verificou-se que o tipo de agressão sofrida com maior frequência refere-se ao receber ameaças ou mensagens insultuosas por telemóvel (14,9%). Não se verificaram diferenças significativas entre rapazes e raparigas no que respeita aos comportamentos de vitimização. A idade não se mostrou associada aos comportamentos de *cyberbullying*. Os dados evidenciaram ainda uma sobreposição entre a execução e a vitimização de comportamentos de *cyberbullying*, sendo a categoria de “vítimas e agressores” a que inclui um maior número de adolescentes (22% da nossa amostra), comparativamente ao grupo de “Vítimas” (11,3%) e de “Agressores” (6,4%). A comparação social com os pares não se mostrou associada aos comportamentos de *cyberbullying*.

**Conclusão.** Necessidade de aprofundar estes resultados recorrendo a outros instrumentos de avaliação que permitam um conhecimento mais aprofundado deste fenómeno. Tendo em conta os dados obtidos no presente estudo e as consequências negativas deste tipo de comportamento sobre o bem-estar dos adolescentes, torna-se importante o desenvolvimento de programas de intervenção que visem diminuir a sua frequência e o seu impacto nefasto sobre os adolescentes e a comunidade em geral.

**Palavras-Chave:** *Cyberbullying*, adolescência, comparação social, prevalência de comportamentos de *cyberbullying*

### ***Abstract***

**Objectives:** This paper aims to provide a central prevalence of cyberbullying behaviors in adolescence (from the perspective of the victim and perpetrator perspective), showing the nature of these behaviors and the possible influence of gender. Parallel analyzes the overlap of these behaviors, by distinguishing the categories: only victims, only perpetrators and victims and perpetrators. It also seeks to explore the relationship between cyberbullying behaviors and social ranking evaluated through comparison with peers.

**Method:** A sample of 450 adolescents (220 boys and 230 girls) aged between 12 and 18 years ( $M = 14.38$ ,  $SD = 1.75$ ) attending primary and secondary education ( $M = 8.87$ ,  $SD = 1.61$ ) in public schools. To evaluate the behavior of cyberbullying were used Portuguese versions of the Cyberbullying Questionnaire (CBQ; Calvete, Orue, Estévez, Villardón, & Padilla, 2009) and the Cuestionario Cyberbullying-Victimización (CBQ-V; Estévez, Villardón, Calvete, Padilla, & Orue, 2010). A Portuguese versions of the Adolescent Social Comparison Scale - Revised (ASCS -R; Irons & Gilbert, 2005) allowed to evaluate the social comparison with peers:

**Results:** A total of 17% of the sample reported cyber bullying behaviors. The most frequent behavior was to keep fighting and online discussions, using insults through electronic messages (18 %). The frequency of aggressive cyber bullying was higher among the boys than girls. As regards the behavior of victimization by cyber bullying, it was found that the type of attack suffered most often refers to receive threatening or insulting messages by phone (14.9%). There were no significant

differences between boys and girls in relation to victimization behaviors. Age was not associated with cyber bullying behaviors. The data also showed an overlap between implementation and victimization behaviors of cyber bullying, and the category of "victims and perpetrators" that includes a larger number of adolescents (22 % of our sample), compared to the group of "Victims" (11,3%) and "aggressors" (6.4%). Perpetrating and experiencing cyber bullying behaviors were not associated with peers social comparison.

**Conclusion:** This results needs further development using other assessment tools that allow a deeper understanding of cyber bullying phenomena. Taking into account the data of this study and the negative effects of such behavior on adolescents' well-being, it is important for developing intervention programs for reducing the frequency of cyber bullying and its adverse effects on teens and in the community in general.

**Keywords:** Cyberbullying, teens, social comparison, behaviors

# ***1 Introdução***

## ***1.1 Definição de Cyberbullying***

A violência na escola constitui um problema social importante, que afeta tanto os países desenvolvidos como os países em via de desenvolvimento, tendo sido pouco estudado até algumas décadas atrás.

Vivemos na sociedade da informação. De um modo geral, todos nós, crianças, jovens e menos jovens, temos fácil acesso à Internet e a dispositivos móveis. As vantagens que a era da informação nos trouxe são inquestionáveis: a facilidade de comunicação, o acesso em tempo real à informação e aos outros. Tudo isto acarretou inúmeros benefícios ao nosso dia a dia e ao desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem. No entanto, como quase tudo na vida todas as vantagens têm o seu lado negro.

A Internet, como todos os seus recursos e potencialidades, e os dispositivos de comunicação móveis podem ser usados de forma abusiva e abrir portas a uma nova forma de humilhação, mais rápida, anónima e intemporal. Para além dos riscos em que as crianças incorrem ao utilizarem, sem supervisão, as tecnologias de informação e comunicação, há que contar também com uma nova forma de bullying, perpetrado por estas novas tecnologias, designado vulgarmente por cyberbullying (Belsey, 2005).

Segundo Amado, Matos, Pessoa e Jäger (2009) “o cyberbullying constitui uma nova expressão do Bullying, enquanto agressão, ameaça e provocação de desconforto, premeditadas e repetidas, realizadas com recurso a dispositivos tecnológicos de comunicação, tais como e-mail, chat, o blogue, o telemóvel, etc., contra uma vítima de estatuto semelhante mas que tem dificuldade em defender-se”. Desta definição podemos destacar algumas palavras cruciais na identificação deste fenómeno: “Premeditadas e repetidas”: as ações levadas a cabo pelos *cyberbullies* têm a intenção de magoar, propositadamente, a vítima e não são resultado de um ato isolado, ou seja, “este conceito não é apropriado para todo e qualquer assédio ou ato ofensivo *online*” (idem, ibidem, p.303). “Dispositivos tecnológicos de comunicação”: aqui reside a grande diferença desta forma de *bullying* – os recursos utilizados envolvem conteúdos digitais, tais como mensagens de telemóveis e/ou de correio eletrónico, comentários e publicações nas redes sociais e/ou *blogues*, publicação de vídeos e/ou de imagens, etc., sempre com o objetivo de causar algum tipo de prejuízo à vítima.

No entanto, a definição de cyberbullying não tem sido consensual (Nocentini et al., 2010). Por exemplo, a repetição é uma característica que tem despoletado alguma discussão, uma vez que o ato de publicar algo na Internet constitui-se, por si mesmo, um ato de repetição, já que pode ser visto e reenviado repetidamente.

O cyberbullying é, por vezes, descrito como uma forma de bullying a ocorrer num novo território (Li, 2005; Li, 2006). Em vez de se considerar um fenómeno isolado, o cyberbullying pode ser visto como outra forma de bullying (Beran & Li, 2007). Nas palavras de Neves & Pinheiro, 2009, “uma não existe sem o outro, pois são as duas faces da mesma moeda”. No entanto, as características específicas que as tecnologias de informação e comunicação lhe conferem, tornam o cyberbullying incomensuravelmente mais continuado e corrosivo do que o bullying.

Os cyberbullis atacam como os bullis tradicionais, mas tendem a fazê-lo de maneiras diferentes consoante o sexo: os rapazes tendem a intimidar por "sexting" (envio de mensagens de natureza sexual) ou com mensagens que ameaçam a danos físicos. Enquanto que as raparigas, por outro lado, mais comumente cyberbullis, espalham mentiras e boatos, expõem segredos, ou excluem as vítimas dos e-mails, listas de amigos, ou outra comunicação eletrônica.

Porque o cyberbullying é tão fácil de cometer, um adolescente pode facilmente mudar os papéis, passando de vítima de cyberbullying a cyberbully. (Robinson & Seagal, 2013).

Para além disto, a panóplia de meios de comunicação existente e as novidades que surgem, neste meio, a um ritmo alucinante, fazem com que a expressão do cyberbullying seja variada e com objetivos diferentes, como veremos já de seguida.

## ***1.2 As faces do Cyberbullying***

Willard (2007) apresenta a seguinte tipologia de Cyberbullying que, embora exigindo permanente adaptação e revisão, se mostra ainda atualizada.

- ***Flaming***: lutas *online* utilizando mensagens eletrônicas com uma linguagem agressiva e vulgar.
- ***Harassment (Assédio)***: enviar, repetidamente, mensagens insultuosas e más.
- ***Denigration (Denigração)***: enviar ou publicar rumores sobre uma pessoa com objetivo de deteriorar a sua reputação ou amizades.



- **Impersonation (Dissimulação):** fingir que se é outra pessoa e enviar ou publicar material com o objetivo de arranjar problemas a essa pessoa ou para deteriorar a sua reputação ou amizades.
- **Outing:** partilhar, através das TIC, informações pessoais e secretas de algum, bem como as suas imagens privadas.
- **Trickery (Exclusão):** expulsar alguém de um grupo *online*, de forma cruel e intencional.
- **Cyberstalking (Perseguição no ciberespaço):** *assédio e denigração, repetida e intencional, que inclui ameaças ou que provoca medo significativo.*

Para além dos diversos tipos apresentados por Willard (2007), podemos acrescentar um outro, apresentado por Neves e Pinheiro (2009), que, segundo os autores, corresponde ao terceiro nível de cyberbullying “em que se recorre ao bullying para caraterizar o cyberbullying”. Neste caso, são planeadas agressões propositadas, com o intuito de fotografar/filmar essas mesmas agressões para, posteriormente, serem publicadas na Internet ou distribuídas através de mensagens multimédia.

Para Neves e Pinheiro (2009), o primeiro nível de cyberbullying acontece de forma espontânea, ocorrendo apenas na Internet. O segundo nível corresponde a uma continuação do bullying, que começa na escola e depois passa para as novas tecnologias.

Nocentini et al. (2010), ao tentarem resumir os oito tipos de cyberbullying apresentados por Willard (2007), identificaram quatro tipos de comportamentos principais:

- Comportamentos escritos e verbais (telefonemas, mensagens de texto, mensagens de correio eletrónico, chats, blogues, redes sociais e websites);
- Comportamentos visuais (publicar, enviar ou partilhar fotografias e vídeos comprometedores através de telefonemas ou da Internet);
- Exclusão (excluir, propositadamente, alguém de um grupo online);
- Dissimulação (usurpar e revelar informação, usando o nome ou a conta de outra pessoa).

### 1.3 Os fatores do Cyberbullying

A investigação em torno de fatores específicos desencadeantes de *Cyberbullying* é ainda incipiente, tal como em relação a muitos aspetos deste problema. No entanto, este

fenómeno aparece frequentemente associado a fatores da violência e da(s) indisciplina(s) na escola (Amado, 2010; Hinduja & Patchin, 2008).

De facto, o *cyberbullying* pode estar relacionado com o *bullying* escolar (Hinduja & Patchin, 2008; Steffgen & König, 2009; Willard, 2007), podendo os estudantes vitimizados diretamente na escola também podem ser vítimas de *cyberbullying*, mas outras vezes, a pessoa que sofre *bullying* escolar pode tornar-se agressor online, como forma de retaliação. Segundo Willard (2007), o *cyberbullying* pode envolver conflitos e problemas relacionais, ou seja, se uma dada relação termina (amizade, namoro, etc.), uma dessas pessoas pode começar a praticar ato de *cyberbullying* sobre a outra. O *cyberbullying* pode estar, ainda, relacionado com ódio, preconceito (raça, religião, aparência física) ou orientação sexual (Willard, 2007).

O estudo de Beran e Li (2007) mostra que os alunos que foram vítimas de Cyberbullying tinham mais probabilidade de atacar os seus colegas também no ciberespaço e de serem vítimas de *bullying* na escola. Para além disto, os resultados sugerem que o *bullying*, seja ele praticado na escola ou no ciberespaço, tem um impacto negativo na aprendizagem e leva ao abandono escolar (Huang & Chou, 2010). Assim, tendo em conta, que ainda, existem poucos estudos que analisem as causas do *cyberbullying* e sabendo que estas causas podem estar associadas às da violência escolar, sobretudo, o *bullying*, apresenta-se alguns dos fatores que estão na base de ações desta natureza, quer do lado das vítimas quer do lado dos agressores (Amado, 2010):

- Fatores biopsicogénicos, tendo em conta o indivíduo e a sua personalidade, tais como: perturbações emocionais (Demetrovics, 2008), défice de atenção, baixo nível de auto-conceito, auto-estima, dificuldades e perturbações de aprendizagem, falta de competências pessoais, etc. (Gottfredson; Hirschi 1990; Steffgen; König, 2009).
- Fatores sociogénicos e familiares, uma vez que as condições sociais, económicas e culturais em que os alunos vivem, influenciam o seu comportamento (Berson, I.; Berson, J.; Ferron, 2002).
- Fatores escolares, relacionados com as vivências pessoais (frustrantes, ameaçadoras, concorrenciais, etc.) e interpessoais (falta de regras, mau clima afetivo, fraca supervisão, ausência de práticas saudáveis – desporto, cultura, voluntariado, etc.), podem influenciar negativamente o comportamento dos jovens. (Hinduja; Patchin, 2008; Steffgen; König, 2009; Ybarra, 2007; Huang; Chou,

2010). Deste modo, poderá dizer-se que o problema está na natureza dos ambientes sociais vividos por quem a usa.

### **1.4 Características do Cyberbullying**

O *cyberbullying* apresenta características muito particulares e que o tornam verdadeiramente perigoso. O anonimato é, sem duvida, uma das suas mais perversas armas (Amado et al., 2009; Hinduja & Patchin, 2010b; Novo, 2009) e que se traduz numa forma cobarde de *bullying* (Belsey, 2005). A Internet possibilita a criação de um escudo protetor para a identidade de cada um e os cyberbullies utilizam-na em seu benefício. Muitas das pessoas que não agrediriam outras frontalmente, podem vir a praticar *cyberbullying*, acreditando que é possível passar despercebido ou que é aceitável ter tais comportamentos, uma vez que são virtuais (Willard, 2007). De fato, alguns jovens podem não ter conhecimento do verdadeiro mal que estão a causar porque estão protegidos da resposta da vítima (Hinduja & Patchin, 2010b).

Esta é uma característica devastadora para as vítimas, uma vez que elas podem nunca saber quem é o agressor. O estudo de Kowalski, Limber & Agtson (2008) sugere que, ao contrário do *bullying*, em que os autores são, normalmente, conhecidos das vítimas, metade das vítimas de *cyberbullying* não conhece a identidade dos agressores.

A comunicação em tempo real é outro fator crucial a ter em conta quando analisamos este fenómeno. A troca instantânea de mensagens é um dos serviços mais utilizado na Internet e nos telemóveis. Os conteúdos publicados na *World Wide Web* difundem-se a uma velocidade estonteante e podem manter-se “infinitamente presentes no espaço virtual” (Amado et al., 2009, p.304). O *bullying* escolar, em geral, é testemunhado pelos pares, no entanto, os conteúdos ofensivos publicados *online* colocam-se à mercê de conhecidos e estranhos (Beran & Li, 2007), sendo o potencial de observadores ilimitado (Kowalski & Limber, 2007). Assim, a percepção das vítimas é a de que todos sabem o que aconteceu (Hinduja & Patchin, 2010b).

Outra característica específica do *cyberbullying* é o facto de as gerações atuais comunicarem através de formas que são desconhecidas dos adultos e longe da sua supervisão (Belsey, 2005).

Como resultado disto, as ações dos cyberbullies podem não ser descobertas pelos adultos (Hinduja & Patchin, 2010b). A maioria dos pais estabelece regras para a utilização da

Internet, mas não está consciente das agressões. Eles subestimam o comportamento dos seus filhos como vítimas de *cyberbullying* (Dehu, Bolman & Volink, 2008).

Os jovens podem estar relutantes em contar aos adultos porque estão emocionalmente traumatizados, pesam que a culpa é sua, temem repercussões ainda maiores a que acresce o receio de lhes ser restringido o uso do telemóvel e da Internet (Willard, 2007). A maioria das vítimas de *cyberbullying* e das testemunhas não reporta os incidentes aos adultos (Li, 2005).

### **1.5 Consequências do Cyberbullying**

As consequências do *cyberbullying* podem ser muito mais graves que os do *bullying* tradicional, devido às características apresentadas anteriormente, nomeadamente o anonimato, a facilidade de difusão de conteúdos, a sua permanência vitalícia no ciberespaço e o facto de ser tão visível para os jovens mas quase imperceptível para os adultos (Willard, 2007).

As consequências do *cyberbullying* “vão desde o isolamento social, insucesso escolar, perturbações do sono, na alimentação, às tentativas de suicídio ou suicídio consumado” (Novo, 2009, p.328).

Beran e Li (2007) mencionam que os estudantes que são vítimas apenas no ciberespaço e os que são vítimas tanto no ciberespaço como na escola, apresentam dificuldades no percurso escolar tais como: notas baixas, falta de concentração e absentismo. Assim, estes resultados indicam que o *cyberbullying* pode ter um impacto negativo na aprendizagem escolar.

Hinduja e Patchin (2010b) analisaram a forma como o *cyberbullying* está relacionado com a ideia de suicídio entre os adolescentes. Os resultados mostraram que todas as formas de *bullying* estavam significativamente associadas ao aumento de pensamento sobre suicídio e que as vitimas de *cyberbullying* tinham quase o dobro de probabilidade de tentar o suicídio, comparativamente a jovens que nunca experienciaram *cyberbullying*.

Ybarra (2004) refere mesmo que o assédio através da Internet é uma questão importante de saúde mental que afeta os jovens de hoje.

Tão perturbador como as consequências do *cyberbullying* é a escassez de meios integradores e eficazes do seu combate e que os estudos levados a cabo são ainda insuficientes para a compreensão deste fenómeno. As tecnologias avançam a um ritmo alucinante, as crianças aderem facilmente a estas novidades e os adultos têm dificuldades em

monitorizar e acompanhar a vida *online* dos seus filhos. Assim, o papel dos pais, dos educadores, da escola e da sociedade é fundamental para a prevenção deste fenómeno.

## **1.6 Comparação social**

Festinger (1954) foi o primeiro autor a usar o termo *comparação social*. De acordo com a sua *teoria da comparação social*, os indivíduos são guiados por um desejo de auto-avaliação e, apesar de preferirem avaliar-se através de critérios objetivos, quando essa informação objetiva não esta disponível tendem a comparar-se com os outros para avaliar as suas próprias características.

Segundo Festinger, na ausência de meios objetivos não sociais que permitam validar o conhecimento, os indivíduos recorrem à sua validação social, comparando-se com outros indivíduos. Neste sentido, o recurso aos outros ocorre apenas quando a realidade é ambígua e o sujeito não a consegue validar por meios próprios (Vala, 1993). Ora o que Moscovici (1979) sublinha é que a percepção é sempre social e que os sujeitos se comparam com outros não porque a realidade seja por si ambígua, mas porque existe uma norma, a norma da objetividade, segundo a qual o consenso é o critério de verdade. Sendo assim, sempre que há desacordo entre indivíduos ou entre um indivíduo e um grupo, a realidade torna-se ambígua, incerta, gerando-se um conflito cognitivo, cuja resolução pode assumir diferentes modalidades: o compromisso, a submissão, a inovação (Vala, 1993). E estas modalidades de resolução de conflitos serão orientadas por modalidades específicas de interação que a teoria genética da influência social tipificou e analisou experimentalmente (Moscovici, 1985).

De acordo com Gilbert, Price e Allan (1995), a necessidade de comparação com outros está presente igualmente noutras espécies, ajudando os indivíduos na decisão do seu *ranking* no grupo. Ao comparar-se com os outros, os indivíduos podem fazer comparações do tipo ascendentes (*upward*) ou do tipo descendentes (*downward*) das suas capacidades ou atributos. Quando fazem comparações ascendentes, os indivíduos estão a escolher preferencialmente objetos de comparação superiores a si, isto e, pessoas que consideram estar numa posição mais favorável no poder que é comparado (Ferreira et al., 2013). Este tipo de comparação é provavelmente escolhido com vista ao auto-aperfeiçoamento (Buunk & Gibbons, 2007), ajudando o individuo a melhorar o seu estado atual (Wood, 1989). Apesar desta função adaptativa da comparação *upward*, os indivíduos podem experienciar emoções negativas quando se comparam com outros superiores (Buunk & Gibbons, 2007). Assim, não

impedindo as comparações ascendentes serem potencialmente ricas em informação, podem ter um carácter ameaçador para os indivíduos.

Em contraste, a comparação descendente refere-se a comparação com indivíduos que são tidos como estando numa posição inferior. Este tipo de comparação é auto-engrandecedor e auto-protector (Gibbons & McCoy, 1991; Wills, 1981; Wood, 1989). Embora ambos os tipos de comparação social possam ter um impacto positivo ou negativo no bem-estar (Gerrad, & Gibbons, 1993), diversas investigações apontam uma associação entre a comparação social ascendente e o afeto negativo.

Segundo Allan e Gilbert (1995) através da comparação social fazem-se avaliações do tipo superior/inferior, mais forte/mais fraco, estabelecendo-se hierarquias sociais. No *ranking* social dos humanos parece haver duas dimensões principais de avaliação: por um lado, comparações de força, poder e agressividade relativas; por outro lado, a atração social e o talento.

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a frequência de comportamentos de *cyberbullying* (quer comportamentos de vitimização, quer comportamentos de agressão), cruzando com variáveis sociodemográficas (idade, género). Pretende-se igualmente analisar de que forma o fenómeno de *cyberbullying* está associado à comparação social, enquanto indicador de auto-estima e de *ranking* social.

## ***2 Método***

Esta investigação baseia-se num estudo transversal, do tipo exploratório de carácter descritivo. Pretende uma descrição dos fenómenos e análise de relações entre as variáveis em estudo (Ribeiro, 1999).

### ***2.1 Amostra***

Para a realização deste estudo recorreremos a uma amostra de conveniência de adolescentes a frequentar o 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário ( $M = 8,87$ ;  $DP=1,61$ ) de uma escola situada em meio rural. É composta por 450 adolescentes, dos quais 220 são do género masculino (48.9%) e 230 do género feminino (51.1%), com idades compreendidas entre 12 e os 18 anos ( $M = 14,38$ ;  $DP = 1,75$ ). Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas no que respeita à média de idades ( $t(448) = -1,67$ ,  $p = 0,867$ ) e dos anos de escolaridade ( $t(448) = -0,95$ ,  $p = 0,344$ ).

## 2.2 Instrumentos

O protocolo de avaliação é constituído por um conjunto de medidas fidedignas para avaliar o *cyberbullying* (CBQ e CBQ-V) e a comparação social (ASCS-R).

O **Questionário de Cyberbullying** (*Cyberbullying Questionnaire* – CBQ; Calvete, Orue, Estévez, Villardón, & Padilla, 2009; versão portuguesa de Pinto & Cunha, 2011) é um instrumento de auto-resposta que pretende avaliar a frequência de 17 tipos de comportamentos de *cyberbullying*. É solicitado aos participantes que indiquem a frequência com que praticaram o comportamento descrito em cada item, segundo uma escala de 3 pontos (0-Nunca; 1-Às Vezes; 2- Muitas Vezes). Em alguns itens estão incluídas perguntas abertas para que os participantes possam descrever os comportamentos que praticaram. Através do somatório das respostas dadas aos 17 itens é possível obter um total do questionário, indicando, assim, pontuações elevadas, níveis elevados de comportamento de *cyberbullying*. Na versão original, as qualidades psicométricas do CBQ mostraram ser adequadas. O estudo da sua fidelidade apresentou uma elevada consistência interna (*Alfa de Cronbach* igual a 0,96) (Calvete et al., 2009). Na nossa amostra, o CBQ revelou uma consistência interna mais baixa, mas ainda assim adequada com um *Alfa* de Cronbach igual a 0,76.

O **Questionário de Cyberbullying-Vitimização** (*Cuestionario de Cyberbullying-Victimización* – CBQ-V) (Estévez, Villardón, Calvete, Padilla, & Orue, 2010; versão portuguesa de Pinto & Cunha 2011) é um instrumento de auto-resposta que pretende complementar o questionário anterior (CBQ), através da avaliação da frequência de diferentes formas de vitimização de *cyberbullying*. Este questionário constituído por 11 itens, em que cada um dos itens consiste numa frase que remete para uma conduta de *cyberbullying*. Pedese aos participantes que indiquem a frequência com que foram vítimas do comportamento descrito em cada item, numa escala de 3 pontos (0-Nunca; 1-Às Vezes; 2-Muitas Vezes). Alguns dos itens incluem perguntas abertas para que os participantes, possam descrever os comportamentos que sofreram. O resultado total é obtido através do somatório das respostas dadas aos 11 itens. A pontuação total pode variar entre 0 e 22, sendo que as pontuações mais elevadas indicam níveis mais elevados de vitimização. Na versão original, o CBQ-V mostrou uma boa consistência interna, relevando um *Alfa de Cronbach* igual a 0,95 (Estévez et al., 2010). Na nossa amostra, o CBQ-V revelou um *Alfa de Cronbach* igual a 0,60, indicador ainda de uma consistência interna adequada.

**O Questionário de Comparação Social - *Adolescent Social Comparison Scale – Revised-ASCS-R***; Irons & Gilbert., 2005; tradução e adaptação de Xavier, Cunha & Pinto-Gouveia, 2011). A escala de Comparação social para adolescentes (ASCS-R) resulta de uma adaptação da Escala de Comparação social para adultos (Allan & Gilbert, 1995), em que os participantes se comparam com os pares relativamente a diversas dimensões (e.g., envergonhado, aceite, atraente) apresentadas de forma bipolar e segundo uma escala de resposta de 10 pontos. Por exemplo, "em comparação com os teus amigos, quão confiante te sentes?" Menos confiante 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Mais confiante. A ASC-R é uma escala composta por 10 itens, com uma pontuação total que varia entre 10 e 100. Pontuações totais elevadas representam uma comparação social mais positiva (ou seja, os participantes percebem-se como mais populares, mais atraentes e mais aceites, comparativamente aos seus pares).

No presente estudo, a escala de 10 itens evidenciou uma adequada fidedignidade ( $\alpha = 0,76$ ). Contudo os itens 4 e 8 apresentaram uma correlação item-total muito baixa ( $r=0,12$  e  $0,13$ , respetivamente), pelo que foram eliminados, aumentando o *Alfa de Cronbach* para  $0,81$ . Todas as análises posteriores com este instrumento, neste estudo, terão em conta o total de 8 itens.

### **2.3 Procedimentos**

No sentido de abranger os objetivos propostos, seguiu-se à escolha dos instrumentos de avaliação mediante a autorização dos autores da versão original.

Foram recolhidas as autorizações das escolas e consentimento informado dos encarregados de educação e participantes para a realização do estudo. O protocolo de investigação foi administrado em contexto de sala de aula, demorando o seu preenchimento cerca da 15 minutos.

A participação no estudo foi voluntária e anónima, seguindo os princípios éticos de investigação necessários. A todos os participantes foram explicados previamente o objetivos do estudo, a possibilidade de desistência de participação no estudo sem qualquer prejuízo individual e garantida a confidencialidade e utilização dos dados para fins exclusivos de investigação



### 2.3.1 Procedimentos estatísticos

Para a análise dos dados foi utilizada a versão 19.0 para Windows do Programa Estatístico de Tratamento de Dados (*Statistical Package for Social Science – SPSS*).

Recorreu-se à estatística descritiva (valores médios e frequências) para análise das variáveis. Para comparação das médias em função do género foi calculado *t* de Student para amostras independentes e o Qui Quadrado para comparação das frequências. Na análise da associação entre as variáveis em estudo foi determinado o coeficiente de correlação de *Pearson*.

## 3 Resultados

Prevalência dos comportamentos de *Cyberbullying* (agressão/vitimização) e influência do género e idade.

### Agressão:

Neste estudo pretendemos analisar a prevalência dos comportamentos de *cyberbullying*, quer em relação à agressão, quer à vitimização.

No que refere à prevalência dos **comportamentos de agressão por *cyberbullying***, verificamos que, na nossa amostra, 77 adolescentes (17%) responderam afirmativamente a pelo menos um dos itens referentes ao exercício de comportamentos de *cyberbullying*.

As agressões realizadas com maior frequência (Tabela 1) referem-se a manter lutas e discussões *online*, usando insultos, mediante mensagens eletrónicas (18%), escrever piadas, boatos, mentiras ou comentários na internet, colocando o outro numa situação de ridículo (14,6%), remover intencionalmente alguém de um grupo *online* (13,6%) e enviar *links* onde aparecem piadas, boatos, mentiras ou comentários acerca de um conhecido/a ou amigo/a, para que outras pessoas vejam (8,2%).

São estes os comportamentos mais comuns na população juvenil, sendo que destes só no 1º item existem diferenças, sendo as raparigas a responderem com 86,5% a nunca terem realizado aquele comportamento. Em ambos os casos, são os rapazes que expressam uma frequência mais elevada dos referidos comportamentos de agressão ( $p < 0,05$ ).

Tabela 1- Prevalência dos comportamentos de Cyberbullying

	Nunca		Às vezes		Muitas vezes		Diferença por sexo (x <sup>2</sup> ; gl) p
	n	%	n	%	n	%	
1. Manter lutas e discussões “online”, usando insultos, etc... através de mensagens eletrônicas	369	82,0%	76	16,9%	5	1,1%	(7,3; 2) 0,027
2. Enviar mensagens ameaçadoras ou insultuosas por e-mail	435	96,7%	14	3,1%	1	0,2%	(12,1; 2) 0,002
3. Enviar mensagens ameaçadoras ou insultuosas por telefone	415	92,2%	33	7,3%	2	0,4%	NS
4. Colocar imagens de um conhecido/a ou de um/a colega na internet que possam ser humilhantes (por exemplo, a vestir-se no balneário)	449	99,8%	1	0,2%	0	0,0%	NS
5. Enviar <i>links</i> de imagens humilhantes a outras pessoas para que as possam ver	432	96,0%	16	3,6%	2	0,4%	NS
6. Escrever piadas, boatos, mentiras ou comentários na internet, que colocam o outro numa situação de ridículo	384	85,3%	64	14,2%	2	0,4%	NS
7. Enviar <i>links</i> onde aparecem piadas, boatos, mentiras ou comentários acerca de um conhecido/a ou amigo/a, para que outras pessoas vejam	413	91,8%	36	8,0%	1	0,2%	NS
8. Conseguir a senha ( <i>nicks, passwords, etc.</i> ) de outra pessoa e enviar mensagens em seu nome por e-mail, que a podem deixar mal ou criar-lhe problemas com os outros	433	96,2%	15	3,3%	2	0,4%	(8,9; 2) 0,012
9. Gravar vídeos ou tirar fotografias com o telemóvel enquanto um grupo se ri e obriga outra pessoa a fazer algo humilhante ou ridículo	441	98,0%	7	1,6%	2	0,4%	NS
10. Enviar essas imagens a outras pessoas	440	97,8%	8	1,8%	2	0,4%	NS
11. Gravar vídeos ou tirar fotografias com o telemóvel enquanto alguém bate ou magoa outra pessoa	443	98,4%	6	1,3%	1	0,2%	NS
12. Enviar essas imagens gravadas para outras pessoas	443	98,4%	6	1,3%	1	0,2%	NS
13. Divulgar segredos, informações comprometedoras ou fotografias de alguém	424	94,2%	24	5,3%	2	0,4%	NS
14. Remover intencionalmente alguém de um grupo <i>online</i> ( <i>chats, listas de amigos, fóruns temáticos, etc.</i> )	389	86,4%	58	12,9%	3	0,7%	NS
15. Enviar insistentemente (de forma repetida) mensagens que incluem ameaças ou que são muito intimidatórias	445	98,9%	4	0,9%	1	0,2%	NS
16. Gravar vídeos ou tirar fotografias com o	446	99,1%	2	0,4%	2	0,4%	NS

telemóvel a um/a colega envolvido/a num  
comportamento de cariz sexual

17. Enviar essas imagens para outras pessoas 444 98,7% 3 0,7% 3 0,7% NS

Comparadas as frequências entre **géneros** (tabela 2) no que se refere à realização de comportamentos de agressão por *cyberbullying*, observa-se a existência de diferenças significativas no item CQ\_A\_1: Manter lutas e discussões “*online*”, usando insultos, etc... através de mensagens eletrónicas ( $\chi^2 = 7,3$ ;  $p = 0,027$ ), no item CQ\_A\_2: Enviar mensagens ameaçadoras ou insultuosas por *e-mail* ( $\chi^2 = 12,08$ ;  $p = 0,002$ ) e no item CQ\_A\_8: Conseguir a senha de outra pessoa e enviar mensagens em seu nome por *e-mail*, que a podem deixar mal ou criar-lhe problemas com os outros ( $\chi^2 = 8,9$ ;  $p = 0,012$ ).

Tabela 2. Itens com diferenças entre género

			Masculino	Feminino	Total
CQ_A_1	Nunca	N	170	199	369
		%	77,3	86,5	82
	Às vezes	N	46	30	76
		%	20,9	13,0	16,9
	Muitas vezes	N	4	1	5
		%	1,8	0,4	1,1
CQ_A_2	Nunca	N	207	228	435
		%	94,1	99,1	96,7
	Às vezes	N	13	1	14
		%	5,9	0,4	3,1
	Muitas vezes	N	0	1	1
		%	0	0,4	0,2
CQ_A_8	Nunca	N	206	227	433
		%	93,6	98,7	96,2
	Às vezes	N	13	2	15
		%	5,9	0,9	3,3
	Muitas vezes	N	1	1	2
		%	0,5	0,4	0,4

No que diz respeito às diferenças entre as médias dos scores confirma-se que os rapazes e as raparigas diferem entre si significativamente no que respeita ao total de comportamentos de agressão medidos pelo CBQ [ $t(448)=2,85; p=0,005$ ].

Tabela 3. *Cyberbullying* em função do género

	Total da amostra (N=450)		Rapazes (N=220)		Raparigas (N=230)		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
<b>CBQ</b>	0,97	1,88	1,23	22,2	0,73	1,45	2,85	<b>0,005</b>

### Vitimização:

No que refere à prevalência dos **comportamentos de vitimização por cyberbullying** observa-se (Tabela 4) que as agressões sofridas com maior frequência, se referem ao receber ameaças ou mensagens insultuosas por telemóvel (14,9%), remover-me intencionalmente de um grupo *online* (9,3%), receber ameaças ou mensagens insultuosas por *e-mail* (9,1%) e conseguir a minha senha e enviar mensagens em meu nome por e-mail para me deixar mal perante os outros (8,4%).

Tabela 4. Taxas de prevalência por itens de vitimização com Cyberbullying

Itens	Nunca		Às vezes		Muitas vezes		diferença por sexo (x <sup>2</sup> ; gl)
	N	%	N	%	N	%	p
1. Receber ameaças ou mensagens insultuosas por e-mail.	409	90,9%	40	8,9%	1	0,2%	7,2; 2; 0,028
2. Receber ameaças ou mensagens insultuosas por telemóvel	383	85,1%	66	14,7%	1	0,2%	3,9; 1; 0,049
3. Colocar fotografias minhas na internet que podem ser humilhantes (por exemplo, a vestir-me no balneário)	443	98,4%	7	1,6%	0	0,0%	NS
4. Escrever na internet piadas, boatos, mentiras ou comentários que me fazem parecer ridículo	418	92,9%	31	6,9%	1	0,2%	NS
5. Conseguir a minha senha ( <i>nicks, passwords,</i>	412	91,6%	36	8,0%	2	0,4%	NS

etc.) e enviar mensagens em meu nome por e-mail para me deixar mal perante os outros, ou me criar problemas							
6. Gravarem-me em vídeo ou tirem-me fotografias com telemóvel enquanto um grupo se ri de mim e me obriga a fazer algo humilhante ou ridículo.	441	98,0%	8	1,8%	1	0,2%	NS
7. Gravarem-me em vídeo ou tirem-me fotografias com o telemóvel quando alguém me bate ou me magoa	447	99,3%	3	0,7%	0	0,0%	NS
8. Ver divulgado segredos, informações comprometedoras ou fotografias minhas	417	92,7%	30	6,7%	3	0,7%	NS
9. Removerem-me intencionalmente de um grupo <i>online</i> ( <i>chats</i> , listas de amigos, fóruns temáticos, etc.)	408	90,7%	40	8,9%	2	0,4%	NS
10. Receber mensagens insistentemente (de forma repetida) que incluem ameaças ou são muito intimidatórias	429	95,3%	21	4,7%	0	0,0%	NS
11. Gravarem-me em vídeo ou tirar-me fotografias com o telemóvel em algum tipo de comportamento de cariz sexual	446	99,1%	4	0,9%	0	0,0%	NS

Comparadas as diferenças entre género no que refere à vitimização, observa-se a existência de diferenças significativas no item CQ\_V\_1: Receber ameaças ou mensagens insultuosas por *e-mail* ( $\chi^2=7,2$ ;  $p=0,028$ ) e no item CQ\_V\_2: Receber ameaças ou mensagens insultuosas por telemóvel ( $\chi^2=3,9$ ;  $p=0,049$ )

Tabela 5: Itens com diferença entre gênero

			Masculino	Feminino	Total
CQ_V1					
Nunca	N		199	210	409
	%		90,5	91,3	90,9
Às vezes	N		20	20	40
	%		9,1	8,7	8,9
Muitas vezes	N		1	0	1
	%		0,5	0,0	0,2
CQ_V2					
Nunca	N		197	186	383
	%		89,5	80,9	85,1
Às vezes	N		23	43	66
	%		10,5	18,7	14,7
Muitas vezes	N		0	1	1
	%		0,0	0,4	0,2

Analisando as pontuações médias por sexo, revelou que as diferenças obtidas não são significativamente diferente por sexo.

No que toca ao papel da idade sobre os comportamentos de *cyberbullying*, através da determinação do coeficiente de correlação de Pearson, verificou-se não existir qualquer correlação significativa entre a idade e os comportamentos de agressão por *cyberbullying* ( $r = 0,04$ ,  $p = 0,431$ ) e os comportamentos de vitimização ( $r = 0,06$ ,  $p = 0,231$ ).

Após a análise individual por tipo de comportamentos, o passo seguinte foi analisar a sobreposição entre a execução e a vitimização de comportamentos de *cyberbullying*. Para esse efeito a nossa amostra foi dividida em quatro grupos em função da combinação entre as pontuações obtidas no questionário de comportamentos agressores (CBQ) e no inventário de comportamentos de vitimização (CBQ-V). No primeiro grupo, **só agressores**, foram incluídos os adolescentes que obtiveram uma pontuação igual ou superior ao percentil 75 no CBQ (isto é, com pontuação média igual ou superior a 2) e com uma pontuação igual a zero no CBQ-V. Este grupo ficou constituído, na nossa amostra, por 29 jovens (6,4%), 23 rapazes e 6 raparigas, sendo estatisticamente significativa esta diferença entre os sexos ( $\chi^2 = 11,48$ ;  $p = 0,001$ ).

O segundo grupo, **só vítimas**, é composto unicamente por adolescentes que já foram alvo de pelo menos um comportamento de *cyberbullying* e não exerceram qualquer

comportamento de agressão de *cyberbullying*, ou seja, aqueles que obtiveram uma pontuação superior a zero no CBQ-V e igual a zero no CBQ. Compõem este segundo grupo, 51 adolescentes (11,3%), 16 rapazes e 35 raparigas, sendo igualmente significativa a diferença na distribuição por sexo ( $\chi^2 = 11,48$ ;  $p = 0,001$ ).

O terceiro grupo é constituído por adolescentes **vítimas e agressores** simultaneamente, isto é, que cumprem as condições anteriormente descritas para agressores e vítimas. Pertencem a este grupo 101 jovens (22,4%), dos quais 52 são rapazes e 49 são raparigas, não sendo estatisticamente significativa a diferença entre os sexos ( $\chi^2 = 0,351$ ;  $p = 0,553$ ).

Por fim o quarto grupo, **nem vítimas nem agressores**, onde são incluídos aqueles que não cumprem as condições de vítimas, nem de agressores, ficou constituído por 219 adolescentes (48,7%), 101 rapazes e 118 raparigas ( $\chi^2 = 1,31$ ;  $p = 0,252$ ).

Na Tabela 6 apresentam-se as médias e desvios padrões dos totais dos instrumentos de medida utilizados, separadamente para os rapazes e raparigas. Verifica-se que os rapazes e raparigas diferem entre si significativamente no que respeita ao total de comportamentos de agressão medidos pelo CBQ [ $t(450)=2,85$ ;  $p=0,005$ ], em relação à comparação social, avaliada pela escala ASCS-R, [ $t(450)=354$ ;  $p=0,000$ ]. São os rapazes que manifestam, valores mais elevados de agressão ( $\bar{x}=1,23$ ) e de comparação social ( $\bar{x}=66,40$ ), quando comparados com as raparigas ( $\bar{x}=0,73$  e  $\bar{x}=62,22$ ).

Tabela 6: Média, desvios padrões obtidos nos instrumentos de medida utilizados em função do género

	Total da amostra (N=450)		Rapazes (N=220)		Raparigas (N=230)		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
<b>CBQ</b>	0,97	1,88	1,23	22,2	0,73	1,45	2,85	<b>0,005</b>
<b>CBQ_V</b>	0,68	1,21	0,65	1,25	0,71	1,17	-0,51	<b>0,608</b>
<b>ASCS-R</b>	51,76	11,54	53,59	11,60	50,00	11,23	354	<b>0,001</b>

Nota: CBQ= Cuestionario de Cyberbullying; CBQ\_V= Cuestionario de Cyberbullying-Victimización; ASCS-R= Adolescent Social Comparison Scale.

### **Relação entre os comportamentos de agressão e vitimização por *cyberbullying* e a comparação social**

Quando analisada a associação entre os comportamentos de agressão e de vitimização por *cyberbullying*, verifica-se uma correlação positiva moderada ( $r = 0,40$ ,  $p < 0,001$ ), ou seja quanto maior é o nível de comportamentos de agressão, maior é também o nível de comportamentos de *cyberbullying* sofridos.

No que respeita à comparação social, este constructo evidenciou uma associação positiva muito baixa com os comportamentos agressivos de *cyberbullying* ( $r = 0,11$ ,  $p = 0,023$ ), sugerindo, assim, que pontuações mais elevadas nos comportamentos agressivos têm tendência a estar associadas a uma comparação social mais positiva. Já em relação ao comportamentos de vitimização, a comparação social não revelou qualquer associação significativa ( $r = 0,06$ ,  $p > 0,05$ ).

## ***4 Discussão***

O presente estudo teve como principal objetivo avaliar a prevalência dos comportamentos de *cyberbullying* na adolescência e explorar a sua relação com o *ranking* social traduzido na forma como os jovens se comparam com os pares. Paralelamente procurou-se igualmente analisar o papel do género e idade neste tipo de comportamentos, bem como explorar a sobreposição entre comportamentos de execução e de vitimização por *cyberbullying*.

O presente estudo teve como principal objetivo avaliar a prevalência dos comportamentos de *cyberbullying* e compreender a sua relação com a forma como os jovens se comparam com os pares.

Para este efeito, recorremos a uma amostra de 450 adolescentes portugueses a frequentar o ensino regular público entre os 12 e os 18 anos, e utilizamos um conjunto de medidas fidedignas para avaliar o *cyberbullying* (CBQ e CBQ-V) e a comparação social (ASCS-R).

No que refere à prevalência dos comportamentos de *cyberbullying* (Agressão/Vitimização) verificamos que 17% dos adolescentes já praticaram alguma vez, pelo menos um tipo de comportamento agressivo, com especial relevância nos comportamentos que envolvem insultos, mentiras, piadas e boatos. Deste modo, verificamos que os resultados vão de encontro com o estudo de Calvete (2009) e de Pinto (2011) onde os



comportamentos mais frequentes são escrever piadas, boatos, mentiras ou comentários na internet, expondo o outro a uma situação de ridículo, enviar links onde aparecem piadas, boatos, mentiras ou comentários acerca de um conhecido/a ou amigo/a, para que outros possam ver. É pelo menos esta a percepção das vítimas de acordo com Induja e Patchin (2010b). Para os agressores, a frequência do cyberespaço pode efetivamente transmitir um peculiar sentimento de impessoalidade, levando-os a adotar comportamentos e a proferir palavras que não utilizariam no mundo real para com terceiros (Li, 2006, Mishna et al., 2009).

No que diz respeito à influência do **gênero** nos comportamentos agressivos de *cyberbullying* verifica-se que são os rapazes que praticam mais o *cyberbullying*, o que vai ao encontro dos resultados de Dilmac (2009) e Li (2006), no entanto, são contrários com os encontrados nas entrevistas de *focus group* realizados por Smith e colaboradores (2008), onde se considera que as raparigas estariam mais associadas a comportamentos de *cyberbullying*, pois os rapazes são considerados mais físicos. Este estudo vai refutar também o estudo de Kowalski et al., (2008) onde revela que exista uma maior tendência para que sejam as raparigas a praticar *cyberbullying* por preferirem expressar agressão indiretamente através de rumores ou comentários, ao contrario dos rapazes que revelam uma maior predisposição pela pratica de um tipo de *bullying* mais direto e físico.

No entanto, o estudo de Mariana Campos (2009) vai de encontro a outros estudos obtidos: são os rapazes que têm mais comportamentos de *cyberbullying*. Dos 12 agressores, 8 são rapazes. Deste modo, não se pode dizer que “(...) são as raparigas que se envolvem mais em situações de *bullying* indireto, principalmente no *cyberbullying*” (Campos, 2009). Um outro estudo, efetuado nos EUA, revelou o mesmo: existem mais rapazes a praticarem o *cyberbullying* do que as raparigas (citado em Wright, V. et al., 2009).

Quanto à **Vitimização** os resultados mostram que a maioria deles se dão, essencialmente, através do telemóvel ou por e-mail, com as raparigas a reportarem maior numero de ameaças. No que toca às questões de género, diferenças bem definidas foram identificadas na ocorrência dos subtipos de vitimização virtual entre rapazes e raparigas. O estudo de Li (2007) teve como amostra 264 estudantes canadenses selecionados aleatoriamente. Um em cada quatro participantes reportou ter sido vítima de *cyberbullying*, sendo que 22% dos agressores virtuais eram do sexo masculino, contra 12% do sexo feminino.

A literatura patenteia também uma relação entre a exposição ao *cyberbullying* e o tempo gasto na internet, identificando que quanto maior o tempo que o jovem interage

virtualmente, maiores são as suas hipóteses de sofrer *cyberbullying* (Hetzl-Riggin & Pritchard, 2011; Twyman, Saylor, Taylor & Comeaux, 2010). Neste sentido Mesch (2009) diz-mos que adolescentes vítimas de *cyberbullying* reportaram maior uso de telemóveis para a comunicação entre pares.

É relevante referir que 49% da amostra não é classificada nem como vítima nem como agressores; 22% são vítimas e agressores, simultaneamente, 11% são só vítimas e 6,4% apenas agressores.

O praticante do *cyberbullying* esconde-se, facilmente, sob uma outra identidade, virtual, fazendo com que se sinta seguro para praticar a violência sem sofrer repreensões. Segundo Prados (2006), a Internet, de certa forma, desperta em alguns jovens um sentimento de que não existem normas, regras e nem moralidade que regule a vida nas redes sociais, de maneira que pode ser usada para o bem ou para o mal. Além de distanciar a vítima do agressor (seguro por não estar cara-a-cara com o alvo), ainda traz consequências terríveis a quem sofre as agressões. O mesmo autor diz que, embora se pareça com as consequências do *bullying*, os danos causados às vítimas de *cyberbullying* são ainda maiores, pois a Internet garante o anonimato daquele que agride, o que dificulta os mecanismos de respostas e proteção a esse tipo de humilhações.

Mason (2008) aponta que, a cada dez adolescentes, oito usam a Internet em casa, o que significa que o praticante de *cyberbullying* pode agredir a sua vítima quando não está na escola ou nas proximidades dela e, portanto, o lar (casa) pode não ser mais um refúgio seguro e os agressores não precisam mais de um sítio físico para molestar a vítima. Pode-se dizer que o “*bullying* digitalizado” é uma extensão do recreio da escola – as agressões podem continuar por longas horas depois do horário escolar. No entanto, para algumas vítimas, a Internet pode ser um lugar de vingança, onde podem, também elas, ameaçar e intimidar os outros para compensar o fato de terem sido agredidos pessoalmente. E a Internet abrange, ainda, um número muito maior de espectadores que podem fazer um pré-julgamento dos envolvidos.

Por fim a análise de Cyberbullying e Comparação Social revelou que este indicador de auto-estima ou de ranking social não está associado aos comportamentos de agressão e de vitimização, não obstante os resultados evidenciarem uma tendência para os comportamentos de agressão estarem associados a um *ranking* social mais positivo.

## ***5 Limitações, Estudos Futuros e Conclusões***

Deverão ser utilizados outros instrumentos para avaliação de comportamentos de *cyberbullying*, recorrendo por exemplo à utilização de entrevistas estruturadas para uma estimativa mais precisa da frequência deste tipo de comportamentos, já que existe uma tendência para a prevalência ser sobrestimada através de questionários de auto-resposta.

Não obstante os resultados obtidos no nosso estudo serem consonantes com os referidos por outra investigação realizada com uma amostra de adolescentes portugueses (Pinto, 2011), estes dados deverão ser confirmados em amostras maiores e mais diversificadas do ponto de vista geográfico.

Por outro lado, dado o contato com Internet ser cada vez mais precoce, julgamos interessante alargar este estudo a uma faixa etária mais baixa, incluindo, por exemplo, crianças do 1º e 2º ciclo do ensino básico (a partir dos 9 anos de idade).

Não obstante as limitações apontadas, realçamos que o nosso estudo deu um contributo para a estimativa de comportamentos de *cyberbullying* em adolescentes portugueses, confirmando tendências frequentemente apontadas por outros autores. Foi ainda conhecida a natureza dos comportamentos mais frequentes, bem como a possível influência do género e idade. Acresce ainda o estudo da associação entre *cyberbullying* e comparação social, revelando estes constructos uma fraca associação entre si.

Tendo em conta as consequências nefastas que estes comportamentos têm sobre o desenvolvimento saudável e bem-estar dos indivíduos, torna-se importante aprofundar este fenómeno, quer quanto à sua frequência, quer quanto à sua expressão e desenvolvimento, procurando, assim, contribuir para estratégias de intervenção ou de prevenção mais eficazes.

## 6 Referências Bibliográficas

- Amado, J., Matos, A., Pessoa, T., & Jäger, T. (2009). Cyberbullying: Um desafio à investigação e à formação: *Interações*, 13, 301-326.
- Amado, J., Matos, A., & Pessoa, T. (2010). Cyberbullying: *The situation in Portugal*. In J.A. Mora – Merchán, & T. Jäger (Eds), *Cyberbullying: A cross-national comparison* (pp. 131-145). Landau: Verlag Empirische Pädagogik.
- Allan, S., & Gilbert, P. (1995). A social comparison scale: Psychometric properties and relationship to psychopathology. *Personality and Individual Differences*, 19 (3), 293–299. doi: 10.1016/0191-8869(95)00086-L
- Barkow, J.H. (1980). Prestige and self-esteem: A biosocial interpretation. In D. R. Omark, D. R. Strayer, & J. Freedman (Eds.), *Dominance relations: An ethological view of social conflict and social interaction* (319–332). New York: Garland STPM Press.
- Belsey, B. (2005). Cyberbullying: An emergence threat to the always on generation. Disponível em: <http://www.cyberbullying.ca> [consultado em 15/5/2013].
- Berson, Ilene R.; Berson, Michael J.; Ferron, John. (2002). Emerging risks of violence in the digital age: Lessons for educators from an online study of adolescent girls in the United States. *Journal of School Violence*, V. 1, n.2, p. 51-72.
- Beirão, M. C., & Martins, M. J. D. (2009). *Cyberbullying and emotions in adolescence*. Comunicação apresentada na Conferência Internacional “Psicologia e Educação: Práticas, Formação e Investigação”. Covilhã: Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade da Beira Interior.
- Beren, T., & Li, Q. (2007). The relationship between cyberbullying and school bullying. *Journal of Student Wellbeing*, 1, 15-33.
- Buunk, B. P. (1994). Social comparison under stress: Towards an integration of classic and recent perspectives. In M. Hewstone & W. Stroebe (Eds.), *European Review of Social Psychology* (pp. 211–241). Chichester, England: Wiley.
- Buunk, A. P. & Gibbons, F. X. (2007). Social Comparison: The End of a Theory and the Emergence of a Field. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 102 (1), 3–21. doi:10.1016/j.obhdp.2006.09.007
- Calvet, E., I., Estévez, A., Villardón, L. & Padilla, P. (2009). Cyberbullying in adolescents: Modalities and aggressors profile. *Computers in Human Behavior*, 26, 1128-1135.

- Campos, Mariana (2009). O Cyberbullying. Natureza e ocorrência em contexto português. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e das Organizações) – ISCTE, Lisboa. Disponível em: <http://repositorioiul.iscte.pt/bitstream/10071/1884/1/O%20Cyberbullying%20em%20Contexto%20Portugu%C3%AAs%20Mariana%20Campos.pdf>.
- Demetrovics, Z.; Szeredi, B.; Rózsa, S. (2008). The three-factor model of Internet addiction: The development of the Problematic Internet use Questionnaire. *Behaviour Research Methods*, V. 40, n.2, p. 563-573.
- Dilmac, B. (2009). Psychological Needs as a Predictor of Cyber bullying: a Preliminary Report on College Students. *Educational Sciences: Theory & Practice*, 9(3), 1307-1325.
- Ferreira, C., Pinto-Gouveia, J., & Duarte, C. (2010). *Dados psicométricos da versão portuguesa da EDE 16.0D*. Manuscript in preparation.
- Festinger, L. (1954). A theory of social comparison processes. *Human Relations*, 7, 117-140.
- Gibbons, F. X. & Gerrard, M. (1989). Effects of upward and downward comparison on mood states. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 8, 14–31. doi:10.1521/jscp.1989.8.1.14
- Gibbons, F. X., & McCoy, S. B. (1991). Self-esteem, similarity, and reactions to active versus passive downward comparison. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 414–424. doi:10.1037/0022-3514.60.3.414
- Gilbert, P. (1989). *Human nature and suffering*. London/New York: Guilford Press
- Gilbert, P. (1992). *Depression: The evolution of powerlessness*. Hove: Guilford/Lawrence Erlbaum Associates.
- Gilbert, P., Price, J., & Allan, S. (1995). Social comparison, social attractiveness and evolution: How might they be related?. *New Ideas in Psychology*, 13, 149–165. doi: 10.1016/0732-118X(95)00002-X
- Gottfredson, M. R.; Hirschi, T. (1990). *A General Theory of Crime*. Stanford: Stanford university Press.
- Hetzel-Riggin, M. D. & Pritchard, J. R. (2011). Predicting problematic internet use in men and women: the contributions of psychological distress, coping style, and body esteem. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 14(9), 519-525.
- Hinduja, S. & Patchin, J. (2008). Cyberbullying: An exploration analysis of factors related to offending and victimization. *Deviant Behavior*, 29, 129-156.

- Huang, Yun-yin; Chou, Chien. (2010). An analysis of multiple factors of cyberbullying among junior high school students in Taiwan. *Computers in Human Behavior*, v. 26, p. 1581-1590.
- Irons, C. & Gilbert, P. (2005). Evolved mechanisms in adolescent anxiety and depression symptoms: the role of the attachment and social rank systems. Mental Health Research Unit, Kingsway Hospital, Derby DE22 3LZ, UK. *Journal of Adolescence*, 28, 325–341.
- Kowalski, R., Limber, S. P., Agatston, P. W. (2008). *Cyber bullying: bullying in the digital age* (s/d): Blackwell.
- Li, Q. (2005). Gender and CMC: a review on conflict and harassment. *Australia Journal of Education Technology*, 21, 382-406.
- Li, Q. (2006). Cyberbullying in schools. A research of gender differences. *School Psychology International*, 27, 157-170.
- Neves, J., & Pinheiro, L. (2009). *A emergência do cyberbullying: uma primeira aproximação*. Comunicação às Conferências Lusófona, 6º SOPCOM, 4962-4974. Acedido em 10, dezembro, 2012, em <http://www.conferencias.ulusofona.pt>
- Mason, K. L. CyberBullying (intimidação psicológica com a ajuda da tecnologia): Avaliação preliminar no ambiente escolar. **Psychology in the Schools**, Universidade Estadual de Cleveland, v.45, n.4, 2008.
- Mesch, G. S. (2009). Parental mediation, online activities, and cyberbullying. *CyberPsychology & Behavior*, 12(4), 387-393.
- Mishna, F., Saini, M., & Solomon, S. (2009). Ongoing and online: Children and youth's perceptions of cyber bullying. *Children and Youth Services Review*, 31, 1222-1228.
- Nocetini, A., Calmaestra, J., Schultze-Krumbhltz, A., Scheithauer, H., Ortega, R., & Menesini, E. (2010). Cyberbullying: Labels, behaviours and defeniton in there European countries. *Australian Journal of Guidance and Couselling*, 20, 129-142.
- Moscovici, S. (1979), *Psychologie des minorités actives*, Paris, PUF.
- Moscovici, S. (1981-1988), *L'Âge des foules*, Paris, Éditions Complexe.
- Ortega, R., Calmaestra, J., & Mora-Mérchan, J. (2008). *Cyberbullying*. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 8(2), 183-192.
- Pinto, T. (2011). *Cyberbulling e Experiências de Vergonha na Adolescência*. Tese de Mestrado . ISMT, Coimbra
- Prados, M. A. H. Menores y riesgos en la Red - Un dilema para los padres. III Congresso online - Observatorio para la Cibersociedad, 2006.

- Price, J. S. (1988). Alternative channels for negotiating asymmetry in social relationships. In M. R. A. Chance (Ed.), *Social fabrics of the mind* (pp. 157–196). Hove: Lawrence Erlbaum Associates.
- Reis, T. J., Gerrard, M., & Gibbons, F. X. (1993). Social comparison and the pill: Reactions to upward and downward comparison of contraceptive behavior. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 19 (1), 13–20. doi: 10.1177/0146167293191002
- Robinson L. & Segal J. (2013). Dealing with Cyberbullying: Tips for Kids and Parents to Prevent and Stop Cyberbullying. Helpguide-org. Acedido em: <http://www.helpguide.org/mental/cyber-bullying.htm>
- Smith, P. K., Mahdavi, J. Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). *Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils*. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(4), 376-385.
- Steffgen, G.; König, A. (2009). Cyber bullying: The role of traditional bullying and empathy. In: Sapeo, B.; Haddon, L.; Mante-Meijer, E.; Fortunati, L.; Turk, T.; Loos, E. (Eds.). *The good, the bad and the challenging*. Brussels: Cost office, Conference Proceedings, v.II, p.1041-1047.
- Twyman, K., Saylor, C., Taylor, L. A. & Comeaux, C. (2010). Comparing children and adolescents engaged in cyberbullying to matched peers. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 13(2), 195-199.
- Vala, J. (1993). As representações sociais no quadro dos paradigmas e metáforas da psicologia social. *Análise Social*, vol. xxviii (123-124), 1993 (4.º-5.º), 887-919.
- Willard, N. (2005). *Educator's guide to cyberbullying and cyberthreats*. *Center for safe and responsible use of the internet*. Acedido em 8, janeiro, 2013, em <http://www.cyberbully.org/cyberbully/docs/cbcteducator.pdf>
- Wood, J. V. (1989). Theory and research concerning social comparisons of personal attributes. *Psychological Bulletin*, 106, 231–248..
- Wright, Vivian H. et al., (2009). Cyberbullying: Using Virtual Scenarios to Educate and Raise Awareness. *Jouranal of Computing in Teacher Education*, Volume 26/ Number 1.
- Ybarra, M. L.; Diener-West, M.; Leaf, P. J. (2007). Examining the overlap in internet harassment and school bullying: implications for school intervention. *Journal of Adolescent Health*, v. 41, p. 42-50.

**Anexo 1-** Autorização para a recolha de dados do Conselho Diretivo



Exma. Senhora,

Presidente do Conselho Diretivo do Agrupamento de Escolas de Ansião

Eu, Filipa Andreia Medeiros Fernandes, tendo concluído a minha Licenciatura em Psicologia Clínica, no Instituto Superior Miguel Torga, em Coimbra, estou actualmente a realizar um estudo de investigação conducente ao Grau de Mestre, que visa analisar a prevalência e natureza de comportamentos de *Cyberbullying* em jovens portugueses, bem como analisar a sua relação com a perceção da sua qualidade de vida e da forma como se comparam com os pares.

Para este efeito, solicito a V.Ex.<sup>a</sup> que se digne a autorizar a recolha de dados na escola que preside. A recolha será efetuada através do preenchimento de questionários breves, demorando cerca de 20 minutos. A participação dos alunos é **voluntária, anónima** e os dados recolhidos serão usados apenas para fins de investigação. Serão previamente explicados os objetivos do estudo aos participantes, podendo estes desistir da sua participação em qualquer momento.

Encontro-me ao dispor para qualquer esclarecimento e deixo, ainda, o meu contacto pessoal e electrónico.

Agradeço a atenção dispensada.

Com os meus melhores cumprimentos

---

Filipa Andreia Medeiros Fernandes

Contactos:

**Telemóvel:** 914020205



Anexo 2- Autorização para a recolha de dados dos Encarregados de Educação



Caro(a) Encarregado de Educação,

No âmbito da minha dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica estou a desenvolver um estudo com o objectivo de avaliar a natureza e prevalência de comportamentos de *cyberbullying* por parte de jovens adolescentes e analisar a sua relação com a qualidade de vida.

Como instrumento de recolha de dados serão utilizados questionários de auto-resposta a ser preenchidos pelos alunos. O seu preenchimento não leva mais de 20 minutos e as respostas a estes serão anónimas, sendo toda a informação recolhida confidencial e apenas utilizada para fins científicos.

A participação do aluno é estritamente voluntária e, em qualquer momento, poderá desistir de colaborar. O participante terá todo o direito de esclarecer qualquer dúvida acerca do estudo, sempre que julgar necessário.

A participação do seu educando é da maior importância para o sucesso deste projeto de investigação e, neste sentido, solicito a Vossa autorização.

Por favor indique se autoriza ou não, o seu educando a participar no estudo, assinando no espaço abaixo indicado.

Obrigada pela sua colaboração

\_\_\_\_\_  
(Filipa Fernandes)

-----  
Eu, \_\_\_\_\_,

Encarregado(a) de Educação do aluno(a)

\_\_\_\_\_ autorizo  não autorizo  o meu  
educando a participar no estudo. Assiãõ, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011

**Anexo 3-** Questionário sociodemográfico para a determinação da idade, sexo e ano de escolaridade.

Apresentação

A presente investigação tem como objectivo principal analisar a natureza e a frequência dos comportamentos do Cyberbullying e a sua relação com a qualidade de vida dos jovens.

Para isso solicitamos, então, a tua valiosa colaboração!

A tarefa consiste em preencher os questionários que se seguem tendo em conta as instruções que acompanham cada um deles.

Não se tratam de testes, por isso não há respostas certas nem erradas. Procura ser o mais sincero(a) possível nas tuas respostas.

Os questionários são **anónimos**, não tens que escrever o teu nome em lado nenhum, e **confidenciais**, mais ninguém terá acesso a eles.

No fim, antes de entregares, confirma se respondeste a todas as questões, incluindo o preenchimento dos dados pedidos nesta folha.

OBRIGADA pela tua colaboração!

**Idade:** \_\_\_\_\_ anos

**Sexo:** Feminino  Masculino

**Ano de escolaridade** (Ano que estás a frequentar): \_\_\_\_\_ ano.

**Anexo 4-** Questionário de Cyberbullying (*The Cyberbullying Questionnaire – CBQ*; , Orue, Estevez, Villardón, & Padilla, 2009; Versão Portuguesa Cunha & Pinto, 2011)

**CQ\_A**

(Calvete, Orue, Estevez, Villardón, & Padilla, 2009; Tradução Cunha & Pinto, 2011)

As frases que se seguem referem-se à utilização da internet e do telemóvel. Lê atentamente cada uma das afirmações e assinala com um **X**, no quadrado que melhor corresponde à frequência com que possas ter realizado algumas destas ações.

	ACÇÕES QUE FIZ		
<p><b>1.</b> Manter lutas e discussões “online”, usando insultos, etc... através de mensagens electrónicas</p>	Nunca	Às Vezes	Muita s Vezes
<p><b>2.</b> Enviar mensagens ameaçadoras ou insultuosas por e-mail</p>	Nunca	Às Vezes	Muita s Vezes
<p><b>3.</b> Enviar mensagens ameaçadoras ou insultuosas por telefone</p>	Nunca	Às Vezes	Muita s Vezes
<p><b>4.</b> Colocar imagens de um conhecido/a ou de um/a colega na internet que possam ser humilhantes (por exemplo, a vestir-se no balneário)</p> <p>Em caso afirmativo, descreve quais os tipos de imagens</p> <hr/> <hr/>	Nunca	Às Vezes	Muita s Vezes
<p><b>5.</b> Enviar <i>links</i> de imagens humilhantes a outras pessoas para que as possam ver</p> <p>Em caso afirmativo, descreve:</p> <hr/> <hr/>	Nunca	Às Vezes	Muita s Vezes
<p><b>6.</b> Escrever piadas, boatos, mentiras ou comentários</p>	Nunca	Às	Muita

## Anexos

na internet, que colocam o outro numa situação de ridículo		Vezes	s Vezes
<b>7.</b> Enviar <i>links</i> onde aparecem piadas, boatos, mentiras ou comentários acerca de um conhecido/a ou amigo/a, para que outras pessoas vejam	Nunca	Às Vezes	Muita s Vezes
<b>8.</b> Conseguir a senha ( <i>nicks, passwords, etc.</i> ) de outra pessoa e enviar mensagens em seu nome por e-mail, que a podem deixar mal ou criar-lhe problemas com os outros	Nunca	Às Vezes	Muita s Vezes
<b>9.</b> Gravar vídeos ou tirar fotografias com o telemóvel enquanto um grupo se ri e obriga outra pessoa a fazer algo humilhante ou ridículo. Em caso afirmativo, descreve:  _____  _____	Nunca	Às Vezes	Muita s Vezes
<b>10.</b> Enviar essas imagens a outras pessoas	Nunca	Às Vezes	Muita s Vezes
<b>11.</b> Gravar vídeos ou tirar fotografias com o telemóvel enquanto alguém bate ou magoa outra pessoa Em caso afirmativo, descreve:  _____  _____	Nunca	Às Vezes	Muita s Vezes
<b>12.</b> Enviar essas imagens gravadas para outras pessoas	Nunca	Às Vezes	Muita s Vezes
<b>13.</b> Divulgar segredos, informações comprometedoras ou fotografias de alguém	Nunca	Às Vezes	Muita s Vezes
<b>14.</b> Remover intencionalmente alguém de um grupo online ( <i>chats, listas de amigos, fóruns temáticos, etc.</i> )	Nunca	Às Vezes	Muita s Vezes
<b>15.</b> Enviar insistentemente (de forma repetida)	Nunca	Às	Muita

*Anexos*

mensagens que incluem ameaças ou que são muito intimidatórias		Vezes	s Vezes
<b>16.</b> Gravar vídeos ou tirar fotografias com o telemóvel a um/a colega envolvido/a num comportamento de cariz sexual	Nunca	Às Vezes	Muita s Vezes
<b>17.</b> Enviar essas imagens para outras pessoas	Nunca	Às Vezes	Muita s Vezes

**Anexo 5-** Questionário de *Cyberbullying-Vitimização* (Cuestionario de *cyberbullying-victimización* CBQ-V) (Estévez, Villardón, Calvete, Padilla, & Orue, 2010; versão portuguesa de Pinto & Cunha, 2011)

**CBQ\_V**

(Estévez, Villardón, Calvete, Padilla, & Orue, 2010; versão portuguesa de Pinto & Cunha, 2011)

Lê atentamente cada uma das afirmações e assinala com um **X**, no quadrado que melhor corresponde à frequência com que possas ter sofrido algumas destas acções.

	ACÇÕES QUE ME FIZERAM		
1. Receber ameaças ou mensagens insultuosa por e-mail.	Nunca	Às Vezes	Muitas Vezes
2. Receber ameaças ou mensagens insultuosas por telemóvel	Nunca	Às Vezes	Muitas Vezes
3. Colocar fotografias minhas na internet que podem ser humilhantes (por exemplo, a vestir-me no balneário) Em caso afirmativo, descrever quais os tipos de imagens _____ _____	Nunca	Às Vezes	Muitas Vezes
4. Escrever na internet piadas, boatos, mentiras ou comentários que me fazem parecer ridículo	Nunca	Às Vezes	Muitas Vezes
5. Conseguir a minha senha ( <i>nicks, passwords, etc.</i> ) e enviar mensagens em meu nome por e-mail para me deixar mal perante os outros, ou me criar problemas	Nunca	Às Vezes	Muitas Vezes
6. Gravarem-me em vídeo ou tirem-me fotografias com telemóvel enquanto um grupo se ri de mim e me obriga a fazer algo humilhante ou ridículo.	Nunca	Às Vezes	Muitas Vezes

*Anexos*

Em caso afirmativo, descrever quais os tipos de imagens <hr/> <hr/>			
7. Gravarem-me em vídeo ou tirem-me fotografias com o telemóvel quando alguém me bate ou me magoa	Nunca	Às Vezes	Muitas Vezes
8. Ver divulgado segredos, informações comprometedoras ou fotografias minhas	Nunca	Às Vezes	Muitas Vezes
9. Removerem-me intencionalmente de um grupo online ( <i>chats</i> , listas de amigos, fóruns temáticos, etc.)	Nunca	Às Vezes	Muitas Vezes
10. Receber mensagens insistentemente (de forma repetida) que incluem ameaças ou são muito intimidatórias	Nunca	Às Vezes	Muitas Vezes
11. Gravarem-me em vídeo ou tirar-me fotografias com o telemóvel em algum tipo de comportamento de cariz sexual	Nunca	Às Vezes	Muitas Vezes

**Anexo 6-** Questionário de Comparação Social (*Adolescent Social Comparison Scale – Revised-ASCS-R*) (Irons & Gilbert, 2005; Versão Portuguesa de Xavier, Cunha & Pinto-Gouveia, 2011).

### **ASCS-R**

(Irons & Gilbert, 2005)

(Tradução e adaptação: Xavier, A., Cunha, M. & Pinto-Gouveia, J 2011.)

Instruções:

Gostaríamos de saber como é que te sentes em comparação com os(as) teus(tuas) amigos(as). Por favor, assinala com um círculo o número que para cada pergunta traduz melhor como te sentes no relacionamento com os(as) teus(tuas) amigos(as).

Exemplo:

Em comparação com os(as) teus(tuas) amigos(as) quão alto(a) achas que és?

Baixo(a) 1    2    3    4    5    6    7    8    9    10    Alto(a)

Neste exemplo, se eu penso que sou mais baixo(a) que os(as) meus(minhas) amigos(as), devo assinalar um círculo num dos números da parte esquerda da escala. Mas, se eu achar que sou mais alto(a) do que os(as) meus(minhas) amigos(as), então devo assinalar um círculo na parte direita da escala.

1. Em comparação com os(as) teus(tuas) amigos(as) quão *envergonhado(a)* achas que és?

Menos Envergonhado    1    2    3    4    5    6    7    8    9    10    Mais Envergonhado

2. Em comparação com os(as) teus(tuas) amigos(as) quão inteligente pensas que és?

Menos Inteligente    1    2    3    4    5    6    7    8    9    10    Mais Inteligente

3. Em comparação com os(as) teus(tuas) amigos(as) quão popular pensas que és?

Menos Popular    1    2    3    4    5    6    7    8    9    10    Mais Popular

4. Em comparação com os(as) teus(tuas) amigos(as) quão diferente te sentes?

Menos Diferente    1    2    3    4    5    6    7    8    9    10    Mais Diferente



5. Em comparação com os(as) teus(tuas) amigos(as) quão atraente pensas que és?

Menos Atraente      1   2   3   4   5   6   7   8   9   10      Mais Atraente

6. Em comparação com os(as) teus(tuas) amigos(as) quão forte te sentes?

Menos Forte      1   2   3   4   5   6   7   8   9   10      Mais Forte

7. Em comparação com os(as) teus(tuas) amigos(as) quão aceite te sentes?

Menos Aceite      1   2   3   4   5   6   7   8   9   10      Mais Aceite

8. Em comparação com os(as) teus(tuas) amigos(as) quão calmo(a) és?

Menos Calmo(a)      1   2   3   4   5   6   7   8   9   10      Mais Calmo(a)

9. Em comparação com os(as) teus(tuas) amigos(as) quão confiante te sentes?

Menos Confiante      1   2   3   4   5   6   7   8   9   10      Mais Confiante

10. Em comparação com os(as) teus(tuas) amigos(as) quão excluído(a) te sentes?

Menos Excluído(a)      1   2   3   4   5   6   7   8   9   10      Mais Excluído(a)